

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 17

Data 6 de agosto de 1988 Pg.: 35

Cidades e Serviços

Queixas e Reclamações

“O escândalo da Hidrelétrica de Balbina”

O jornal O Estado de S. Paulo publicou à página 68, com chamada de capa, em sua edição de 31.07.88, matéria de página inteira, com o título geral “O escândalo da Hidrelétrica de Balbina”, várias retrancas e subtítulos e com o título da chamada de capa “Uma usina inútil já custa bilhões”, assinada por Jaime Sautchuk com fotos de Salomão Cytrinowicz.

A política de comunicação social da Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A — Eletronorte é no sentido de interpretar a ação da imprensa como um canal normal de, como empresa de capital público, prestar contas à sociedade. Daí por que os jornalistas encontram em nossa empresa pleno apoio e liberdade para desenvolver seu trabalho, não temos como praxe responder a matérias jornalísticas que eventualmente criticam a ação da empresa. Apenas o fazemos quando o autor da matéria se desvia muito da verdade ou distorce os fatos e desinforma o leitor. Este, infelizmente, é o caso da matéria em epígrafe.

O sr. Jaime Sautchuk parece estar se especializando em um jornalismo mentiroso, no escândalo fabricado e no “furo” de 24 horas, haja vista as matérias que há dois ou três anos ele produziu, em outro jornal, sobre a Serra do Cachimbo. Este jornalista, que deve ter oferecido a matéria sobre Balbina a O Estado de S. Paulo como fruto de um grande esforço de reportagem, na verdade esteve visitando a obra entre 11 e 19 de abril deste ano, justamente a convite e em companhia do assessor de imprensa da Eletronorte, onde encontrou todo o apoio necessário, incluindo o transporte entre Manaus e Balbina e todo o transporte terrestre e aquático no canteiro de obras, reservatório, reserva indígena; enfim, tudo ao alcance da Eletronorte para que ele e sua equipe de vídeo tivessem acesso ao maior volume de informações no menor espaço de tempo possível. É injustificável, portanto, que o sr. Jaime se visse perdido no tempo e no espaço como demonstrou pela matéria que escreveu.

A grande “revelação” da matéria do sr. Jaime é de que a Eletronorte irá desviar o rio Alalaú para o Uatuma mediante a construção de um canal. Isto é uma mentira e ele a escreveu sabendo que o era, porque ele foi informado que tal idéia fez parte dos estudos ainda na fase de viabilidade da obra, sendo descartada na fase de elaboração do projeto básico por desnecessária. Ao contrário do que diz a matéria, a Eletronorte não descobriu, depois da usina pronta, que a vazão do rio é insuficiente para encher o reservatório e mover turbinas. Na verdade, o que a Eletronorte descobriu após o início de enchimento ao lago, a 1º de outubro de 1987, é que à luz de novos dados hidrológicos, a energia firme a ser fornecida pela usina subirá de 81 para 134, podendo chegar a 153 megawatts. Quanto à suficiência da vazão do Uatuma para encher o reservatório, apesar de 1987/88 ter-se caracterizado como um ano seco, a chuva de enchimento do lago tem-se mantido acima da pior hipótese estipulada em projeto, sendo que dia 16 de julho foi atingida a cota 46 metros em que a usina irá operar em primeira fase.

A seguir, pela ordem em que aparecem na matéria, outros pontos em que o sr. Jaime desinforma os leitores de O Estado de S. Paulo:

- 1º “Balbina está alagando uma área superior à de Tucuruí...”. Não é verdade. Tucuruí alagou uma área de 2 mil 430 km². Balbina, até a cota 46 m, alagou 1 mil 580 km²; na cota 50 m, alagará 2 mil 320 km².

2. Como procura escândalos, o sr. Jaime inverteu a ótica com que analisa os programas de proteção ao meio ambiente e de assistência às populações envolvidas com o projeto. Seria realmente um escândalo caso a Eletronorte não se preocupasse com o comportamento da qualidade da água do reservatório e do trecho do rio Uatuma entre a barragem e a Cachoeira Morena, instalando, para isso, em Balbina, um dos mais completos laboratórios de Limnologia (que fará também análises de amostras de água de outras hidrelétricas da Eletronorte e de outras empresas) e perfurando poços e instalando bombas para garantir, mesmo nas piores condições possíveis, água potável à população ribeirinha;
3. O autor também teria, certa-

mente, muito mais argumentos para fabricar um escândalo se a Eletronorte, em lugar de montar uma operação modelo para salvamento e aproveitamento da fauna na área alagada, cujo assessoramento e diretrizes foram prestados pelas mais renomadas instituições científicas e de preservação, deixasse os animais à sua própria sorte como já ocorreu em muitos outros projetos hidrelétricos neste e em outros países, ou pouco se preocupasse em restabelecer o habitat e as condições de reprodução da tartaruga-do-Amazonas (Podocnemis Expansa), num programa de pesquisa único no mundo; ou ainda com outros 32 projetos voltados para o meio ambiente na área de Balbina.

4. Com relação aos índios Atroari e Waimiri, o evento da hidrelétrica e a presença da Eletronorte na região os resgatou de uma situação de constante ameaça de genocídio para o crescimento populacional que tem se verificado ultimamente. Em troca da inundação em potencial (apenas no caso de uma cheia com recorrência de dez mil anos) de aproximadamente 2,5 por cento de uma área de perambulação, os índios foram motivo de um convênio entre a Eletronorte e a Funai que cobriu, entre outras coisas, o repasse, em forma de assistência e benfeitorias (e não em forma de dinheiro para comprar bugigangas, como diz a “reportagem”) de Cz\$ 125 milhões, em 25 anos; a construção de duas novas aldeias, a construção de escolas e, o mais importante, a demarcação, de forma definitiva, de um reserva de 2 milhões 440 mil hectares. Aliás, o respeito e as condições de igualdade com o homem branco com que a Eletronorte trata os índios foi motivo de elogios por parte do próprio sr. Jaime Sautchuk em depoimento prestado à Assessoria de Imprensa da Eletronorte em Balbina, após sua visita à aldeia do Abonari, promovida pela Eletronorte, no dia 14 de abril de 1988;
5. Ao comparar os custos de energia elétrica produzida em Manaus mediante a queima de derivados de petróleo e a de origem hidrelétrica a ser produzida por Balbina, o sr. Jaime esqueceu-se do cenário em que essa obra foi concebida: o Brasil acabava de receber o baque de uma segunda crise de petróleo em menos de uma década. Analisar o passado com a realidade do presente é bem mais difícil, fala ainda em “preço da terra alagada” e “indenização por desapropriações”, duas coisas que não existem em Balbina, como ele próprio constatou quando a Eletronorte o levou para entrevistar o único morador existente na área de formação do reservatório. O lago de Balbina não inundou áreas de terras produtivas como freqüentemente ocorre na construção de usinas hidrelétricas em outras regiões do País; muito pelo contrário: está transformando um deserto verde, com solos paupérrimos, em provavelmente uma massa d’água produtora de proteínas animais como decorrência das pesquisas que serão desenvolvidas na moderna estação de piscicultura que nossa empresa está construindo junto à barragem;

6. Com relação às pressões feitas pelos ecologistas sobre os organismos internacionais que financiam o terceiro mundo, citadas pelo sr. Jaime, ele mais uma vez desinforma o leitor, incluindo Balbina entre as obras financiadas pelo Banco Mundial.

Enfim, se o sr. Jaime Sautchuk tivesse agido menos como mercenário da catástrofe e mais como bom jornalista, teria aproveitado melhor as excelentes condições de trabalho que a Eletronorte colocou à sua disposição e à sua equipe de vídeo em Balbina, para servir ao leitor de O Estado de S. Paulo com informações corretas. Perdido no tempo e no espaço criou um canal artificial em plena floresta amazônica e transformou o Rio Uatuma em afluente do Negro. Felizmente para os leitores do Estado, três outros repórteres do próprio jornal, José Carlos Cafundó de Moraes, Jorge Rosa e Murilo Murça, estiveram em Balbina antes e após o fechamento da barragem e escreveram matérias de melhor qualidade. Maurício Esteves Coelho, assistente do presidente da Eletronorte.

N. da R. Como profissional, sempre me pautei pelo jornalismo sério, investigativo. É o caso, por exemplo, das matérias a que se refere o sr. Maurício, que denuncia-

vam a existência de instalações para fins nucleares no Campo de Provas do Cachimbo (Sul do Pará), fato explicitamente confirmado pelo então comandante da Base, coronel Plínio Baptista, pelo ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, e pelo presidente Sarney;

A Eletronorte não permite a entrada de pessoas que não sejam suas convidadas em Balbina. Isso, porém, não lhe dá o direito de supor que, por escolher quem pode e quem não pode ver a obra por dentro, esteja comprando consciências;

A questão do rio Alalaú tem sido discutida como alternativa atual para um problema atual, conforme confirmou o sr. Francisco Queiroga da Nóbrega (chefe da residência da Eletronorte), cuja entrevista encontra-se gravada, em áudio e vídeo;

O sr. Maurício usa medidas diferentes ao falar em “energia firme”. Por que será que evita dizer se Balbina atingirá ou não a potência de 250 mil quilowatts (250 MW)?;

Inúmeros técnicos da Eletronorte afirmam com segurança que o lago de Balbina será maior que o de Tucuruí. No item “1” dos seus “outros pontos”, o sr. Maurício mostra como a diferença de tamanho dos lagos, em sua previsão, é mínima e facilmente superável já que a área é bastante desconhecida inclusive para a empresa;

Conforme testemunho de diversos ribeirinhos, a Eletronorte já avisou que “as piores condições” possíveis serão constantes no que se refere à qualidade da água entre a barragem e Cachoeira Morena;

O trabalho de resgate de animais é inútil, conforme atestam documentos técnicos da própria Eletronorte, pois não restabelece o equilíbrio;

Ao pagar uma espécie de indenização aos índios Waimiri-Atroari, os autores da obra não estão eliminando o impacto social que provo-

cam. É digno de elogios o trabalho dos sertanistas e técnicos indígenas que buscam aliviar esse impacto. Os índios, no entanto, andam cheios de penduricalhos exóticos comprados e dinheiro;

A crise do petróleo seguiu, como informa a matéria publicada no último dia 31 de julho, como argumento para os que queriam a hidrelétrica. Da mesma forma que foram, à época, apontadas outras alternativas para o abastecimento de Manaus, não levadas em conta;

O fato de não existir grande número de moradores na área de formação do lago não quer dizer que as terras não tenham preço. As linhas de transmissão jamais chegarão a Manaus sem desapropriações e terão alto custo de manutenção. Além do mais, não querirá o sr. Maurício fazer crer que o lago poderá ser mais rico do que o “deserto verde”, já que a Eletronorte reconhece que não tem estudos sobre sequer quanto por cento da flora que está inundando;

Em Balbina efetivamente se utilizou dinheiro do Banco Mundial, repassado pela Eletrobrás;

A rigor, o Uatuma não é afluente de rio algum, pois desemboca num conjunto de lagos interligados que obedecem o regime de águas da região, que tanto vale para o Amazonas como para o Negro, mais acima; e

Acostumado com os métodos do tempo em que Balbina foi idealizada (o da ditadura), o sr. Maurício tenta fazer crer que a imprensa é quem tem culpa pela enorme insanidade que é pago para defender;

Por fim, os argumentos agora apresentados em nome da Eletronorte poderiam muito bem ter sido defendidos pelo presidente da empresa, sr. Miguel Rodrigues Nunes, caso tivesse concedido a entrevista por mim insistentemente solicitada e pelo sr. Maurício insistentemente negada.

(Jaime Sautchuk)